



O FURACÃO E O SERMÃO

Num momento de crise, na primavera de 1973, os paroquianos de uma pequena igreja aprenderam uma lição duradoura a respeito de si mesmos e da graça de Deus

Condensado do CHRISTIAN HERALD

AO PÔR-DO-SOL do dia 27 de maio de 1973, os moradores da pequena cidade de Brent, no Alabama (de 2.500 habitantes), não deram muita atenção aos avisos sobre a proximidade de um furacão, que vinham sendo transmitidos pelas estações de rádio das vizinhanças. Isto porque, embora mais de 900 furacões açoitem por ano os Estados Unidos, poucos são os norte-americanos que já presenciaram uma dessas tempestades, repentinas e terríveis, e menor ainda é o número dos

que suspeitam de que algum dia sejam atingidos por uma delas. Sabem como é, os furacões só acontecem aos outros! E assim, embora o povo de Brent prestasse atenção contínua às crianças até o anoitecer daquele dia, prosseguiu, mais ou menos, nas suas atividades normais de uma tarde de domingo.

Na Igreja Batista de Brent, um edifício de tijolos vermelhos, no coração da cidadezinha, 150 homens, mulheres e crianças estavam reunidos. Nessa noite, Arthur Walker, pastor em exer-

cício nos últimos dois meses, estava justamente preparando seu último sermão, antes de voltar para a Universidade Samford, de Birmingham, onde era vice-presidente e professor de religião.

Em homenagem aos licenciados da congregação, Walker, um erudito de 47 anos, tinha escolhido o tema «Seja um exemplo», baseado no texto de exortação de Paulo ao jovem Timóteo: «Não deixe nenhum homem menosprezar a sua mocidade; mas seja um exemplo para os crentes... na caridade, no espírito, na fé, na pureza.»

A tempestade reúne. Às 7:20, dez minutos antes da hora do ofício, Walker saiu da sua profunda meditação para respirar um pouco de ar. Lá fora, encontrou um grupo de membros do Coro dos Jovens, comentando a extrema escuridão do céu para os lados do sudoeste. Mal tinha acabado de se reunir ao grupo, quando ecoou um estrondo sinistro e retumbante. Aquilo soou, como disse alguém depois, «como um choque de trens de cem vagões». Foi o primeiro aviso do furacão que, dali a um minuto ou pouco mais, iria fazer ruir a igreja, demolir 95% do centro comercial de Brent, destruir 127 de suas 700 casas, danificar todas as outras e, no total, infligir o que os funcionários do Serviço Meteorológico descreveram como sendo, possivelmente, os maiores prejuízos de propriedades da história do Alabama.

Foi também o instante em que todos os que sempre se haviam considerado pessoas comuns começaram a

reagir com uma presteza de ação, rápida e instintiva, e, na maioria dos casos, com tal valor e altruísmo, que, mais tarde, quando refletiram sobre os acontecimentos, eles próprios ficaram surpresos.

Correndo para o santuário, Walker anunciou, calmamente, às 50 pessoas mais idosas, já sentadas: «Um furacão terrível se aproxima. Vamos, imediatamente, para o porão.»

Lá fora, Jerry Pow, gerente de uma garagem, e também chefe dos bombeiros voluntários de Brent, começou a conduzir dezenas de jovens para o porão do edifício da escola, na parte traseira da igreja. «Abram as janelas!», gritou ele, lembrando-se de que o vácuo no centro de um furacão, frequentemente, faz «explodir» os edifícios fechados, que contêm ar em seu interior. Depois, correu a toda a velocidade para a frente da igreja, onde, vendo três criancinhas desnorteadas, gritou aos dois adultos mais perto delas: «Levem-nas para dentro!» Os adultos juntaram as crianças, e as conduziram para a igreja.

Quando o furacão se aproximou, Walker, com uma força hercúlea, manteve a porta traseira da igreja aberta, contra o vento cada vez mais forte, tornando possível a entrada de muitas pessoas, o que, de outra maneira, não seria possível. Além disso, quando as luzes se apagaram, a porta aberta iluminava o caminho do porão para os adultos que estavam no santuário, e para aqueles que se tinham reunido no segundo andar do edifício da escola.

Estrondo e desmoronamento. Então, com uma escuridão quase total, e com estrondos que pareciam os de uma trovoada, a grande tempestade se desencadeou, arrancando a porta das mãos de Walker, e fechando-a, o que fez mergulhar a igreja na escuridão. Nem todos tinham alcançado o porão. O velho Andrew Mitchell, quase cego, errou o caminho, quando se separou de sua mulher, e se perdeu no santuário. No segundo andar da escola, Mary Krout, de meia-idade, e sua amiga Fay Dowdle, recuando para se afastarem do aglomerado de pessoas que estavam à sua frente, foram apanhadas no topo da escada. John Oden, um aposentado de 61 anos, só teve tempo de se atirar ao chão, no santuário, entre dois bancos, quando a igreja começou a desabar.

Maness Cottingham, um eletricista, de 51 anos, que havia agarrado precipitadamente um garotinho no pátio da igreja, tinha corrido apenas alguns passos para a nave, quando ouviu estampidos, como tiros de canhão. Olhando para cima, viu as paredes traseiras e laterais da igreja desmoronando. Empurrando o rapaz para debaixo de um banco, se deitou, para proteger a cabeça da criança. John Meigs Jr., de 19 anos, que tomava conta de duas garotinhas, fez o mesmo com elas. Debaixo do banco, Meigs não viu o teto desabar; nem, em meio do barulho inacreditável, ouviu as paredes se despedaçando.

Jerry Pow só teve tempo de penetrar mais para dentro do vestibulo da frente. Aí, sentiu uma forte dor

nos ouvidos, como uma facada (causada pela descompressão), e uma sacudidela tão poderosa que quase o lançou por terra. Ainda estava ali, comprimido contra a parede, quando a fúria destruidora amainou, tão repentinamente como tinha começado. Ela havia durado, imagina Pow, cerca de meio minuto. Quando o vento se dissipou, ele viu, com estarecida surpresa, que só a parede da frente da igreja e o campanário sob o qual se tinha refugiado ainda estavam de pé. Atrás dele, o bonito santuário de outrora estava sem telhado, reduzido a escombros. Na área adjacente, árvores, edifícios e casas também haviam desaparecido totalmente, ou tinham sido reduzidos a formas irreconhecíveis. *Em cerca de um minuto, pensou Pow desorientado, a velha cidadezinha se foi: Depois: Meu Deus! Centenas de pessoas devem estar feridas ou mortas!*

Nas traseiras da igreja, Meigs e Cottingham rastejaram por baixo dos bancos onde se haviam abrigado. Tiraram para fora, sem um arranhão, as três crianças que tinham salvo. Meigs olhou para cima, e viu o reforçado balcão de aço que tinha impedido que o teto, ao cair, os soterrasse a todos.

Nas proximidades, John Oden se levantou, cambaleando. Quando toneladas de tijolo e pedra haviam se despejado ruidosamente na sua direção, os escombros tinham ido de encontro aos dois bancos entre os quais se lançara, fundindo-os, e formando uma tenda protetora de madeira sobre ele. Embora tivesse ficado

com costelas quebradas e com uma fratura na clavícula, estava surpreso por ainda estar vivo. Mary Krout, embora enterrada até a cintura, em blocos de concreto, ficara só ligeiramente ferida. Fay Dowdle, no entanto, estava coberta de destroços e sangrando de uma perna, gravemente dilacerada. E Andrew Mitchell, derrubado pelo órgão, jazia morto, esmagado por uma parede.

Mãos auxiliaadoras. Por toda a cidade de Brent, que se estende por mais de quilômetro e meio, ao longo da auto-estrada n.º 25, outras pessoas, que tinham sido apanhadas pelo violento turbilhão da tempestade, estavam agora começando a despertar dentre os escombros. Uma chuva fria e torrencial desabou, fazendo o céu escurecer antes da noite. As crianças choravam pelos pais, e os pais pelos filhos perdidos. Não havia claridade nenhuma, exceto algumas luzes tênues de lanternas. Todas as comunicações tinham sido cortadas. Derrubados, jaziam os cabos de força elétrica e dos telefones, com os postes partidos ou danificados. Quase todos os carros e caminhões estavam avariados ou inutilizados pelo furacão.

Do porão da igreja, mais de 100 pessoas começaram a sair. Todas saíram, menos Pauline Hunt, uma mulher de 50 anos e rosto sereno, que percebera uma estranha sensação numa das pernas, quando as janelas se quebraram e os vidros voaram. Então, na semi-obscuridade, ela sentiu sangue quente correndo, e descobriu que a barriga de uma das pernas pendia do osso. Tirou, então,

uma das meias, e a enrolou, como um torniquete, até o joelho. O sangue ainda corria, e ela compreendeu que, a menos que algum socorro médico chegasse rapidamente, não viveria muito tempo.

Dentro em breve, ouviu a voz da jovem Linda Hammitt, a chefe das enfermeiras do Hospital Municipal de Bibb. Linda não comparecia aos ofícios noturnos da igreja havia dois meses; estava muito ocupada cuidando de seu último bebê. Mas, agora, estava ali, inspecionando o torniquete, e consolando Pauline: «Isto não dará resultado. Vamos tentar assim.» E comprimiu a artéria sobre a ferida. Percebendo que várias outras pessoas estavam em condições críticas, disse a alguns dos homens: *Temos* de levar estas pessoas a um hospital. Por favor, descubram uma maneira de transportá-las!»

Fora das ruínas. Vários homens que tinham corrido para igreja, depois que a tempestade amainou, concordaram em que o meio mais rápido para desembaraçar as estradas que levavam aos hospitais seria utilizando alguns equipamentos pesados do depósito de madeiras. Phil Cottingham, vendedor de automóveis, viu um monta-cargas. Não sabia trabalhar com ele, e nunca sonhara que um dia teria de manobrar algum deles — especialmente de noite, debaixo de chuva intensa. Sua inquietação cresceu quando notou que o monta-cargas estava preso num emaranhado de fios elétricos derrubados, e que bem podiam estar «carregados».

Isto pode me matar, pensou ele, mas tenho que aproveitar a oportunidade.

Subiu para o veículo. Não sofreu nenhum choque elétrico, porque os circuitos tinham sido desligados, e não havia corrente nas linhas. Depois de acionar várias manivelas, viu que conseguia fazê-lo andar. Neste ínterim, o comissário das estradas do distrito, Bob Elam, tinha localizado uma escavadeira, e um terceiro homem (não identificado) descobriu outra máquina. Juntos, os três logo abriram um atalho por entre as árvores, removendo os postes, pedaços de casas e os montes de tijolos e destroços que bloqueavam uma faixa de 600 metros de estrada, perto da igreja. Minutos depois, Phil Cottingham e seu irmão Steve, cujos carros tinham escapado do furacão, levavam velozmente os feridos para o hospital de Marion, a 40 quilômetros. Para as senhoras Hunt e Dowdle, a chegada deles não foi assim tão rápida. Seus pulsos já quase não batiam, e, se foram salvas, foi, provavelmente, pela pronta transfusão de sangue que receberam.

Os homens das companhias dos telefones e da força elétrica começaram a trabalhar quase imediatamente, e, por volta da meia-noite, unidades da Guarda Nacional, do Exército de Salvação e grupos de socorro de civis começaram a chegar das cidades vizinhas. Um pouco de luz, fornecida por geradores portáteis, despontou entre os escombros. Os improvisados auxiliares logo retiraram das ruínas, em várias partes da cidade, cinco pessoas mortas, ou em estado grave,

além de 50 feridos. Dentro em pouco, se tornou evidente que as centenas de corpos que as equipes de salvamento esperavam encontrar no meio dos destroços, simplesmente, não estavam lá! Em lugar disso, os homens da cidade, na maioria sem ferimentos, emergiam das ruínas. Tinham sido poupados, diziam uns aos outros, por uma sorte fantástica e pela graça de Deus. O que poderia ter acontecido, perguntavam-se os que estavam na igreja, se a tempestade tivesse vindo cinco minutos mais tarde, quando aquelas 150 pessoas estivessem no santuário ouvindo o sermão?

À medida que maior número de famílias se reunia, uma onda abençoada de ação de graças foi envolvendo a cidade devastada. Pessoas que haviam perdido quase tudo o que possuíam, se mantinham em pé, no meio dos escombros, e choravam de alegria. Muitos vizinhos, que quase não se falavam havia anos, saudavam-se com o olhar. Aqueles que tinham tido bastante sorte para conservar ainda suas casas com tetos, abriam as portas a parentes e amigos menos afortunados. Como a noite custasse a passar, outros acharam meios de improvisar dormitórios, que foram instalados na vizinha cidade de Centreville.

O presente mais delicado. Por volta da meia-noite, Arthur Walker foi para a casa de um membro da igreja, para trocar as roupas por outras secas. Estava encharcado e salpicado de sangue, pelo esforço feito para ajudar os feridos. Num bolso interior, carregava um envelope que

lhe fora entregue por Dot Mitchell, a diretora de ensino da igreja, minutos depois de o furacão ter se afastado. Em lágrimas, ela o tinha entregue, dizendo: «Desejava que pudéssemos ter-lhe dado melhor festa de despedida. Tínhamos pensado em dar-lhe um presente de surpresa. Aqui está ele!» O envelope continha um cheque.

Com roupas secas, Walker voltou à igreja, passando pela cidade devastada, e meditando na consideração

que lhe fora demonstrada por pessoas que haviam perdido suas casas e negócios. Lutando com suas próprias emoções, ele pensou: «*Vocês me deram o presente mais delicado a maior experiência que um ministro de Deus pode receber — a força, a coragem, a fé, a solidariedade, que presenciei aqui esta noite. Meu sermão era 'Seja um exemplo', mas já não tenho absolutamente nenhuma necessidade de pregá-lo.*»



UM MECÂNICO arranjou um pequeno galo-de-briga, para ser nossa mascote na Força Aérea canadense, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas a ave se sentia muito solitária entre nós, e ficava a cada dia mais suja de graxa, de tanto vagar sem destino pelo hangar. «Dêem-lhe um banho», aconselhou o comandante, depois de uma inspeção, «ou então comam-no, mas que tenhamos uma mascote da qual possamos nos orgulhar.» Na inspeção seguinte, o galo parecia outro. Suas penas brilhavam, e as esporas estavam mais afiadas do que nunca. Não usamos água ou sabão. Simplesmente lhe arranjamos uma galinha. — C. E. B.

COM PRESSA para chegar em casa, durante a *blitz* de Londres, ignorei um sinal de advertência, e acabei enveredando por uma área que tinha sido isolada devido a uma bomba prestes a explodir. Montado sobre a bomba, nu da cintura para cima e sem capacete, estava um homem da Equipe de Desarmamento de Bombas, tentando desmontá-la com um martelo.

Naquele exato momento, soou o alarme antiaéreo. O homem parou de trabalhar. Curvou-se, apanhou no chão o capacete de metal e colocou-o cuidadosamente na cabeça. Feito isto, voltou a trabalhar calmamente com o martelo. — P. F. F.

NO FIM DE 1941, estava eu com alguns homens numa das remotas Ilhas Shetland. Éramos a única tropa na ilha, e estávamos praticamente sem meios de transporte.

Nosso isolamento, no entanto, não significava nada para o Departamento de Estado. Quando os japoneses atacaram Pearl Harbour, recebemos uma mensagem dizendo: «Iniciem as hostilidades contra o Japão imediatamente.» — T. K.